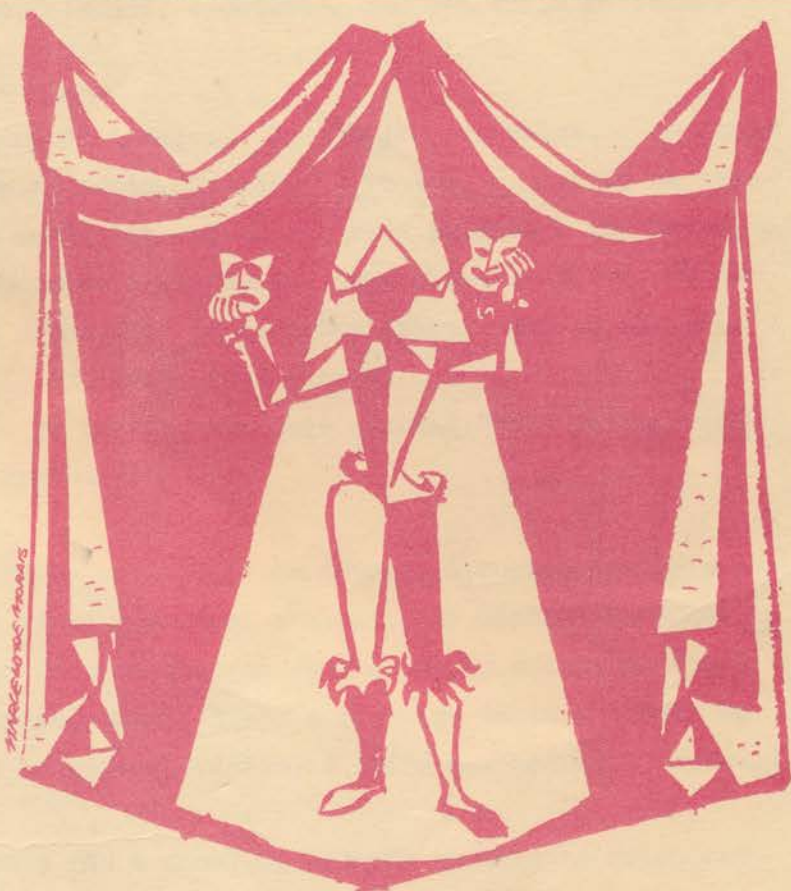


Teatro da MOCIDADE

UNIVERSITÁRIO



FERNANDO AMADO

**Véspera
de
Combate**

(Trecho de paisagem mutilada. Muro em ruínas; troncos; blocos de coluna que foram uma igreja. Em planos sucessivos, crateras rasgadas por bombas de avião. Uma árvore adusta, negra, que fantásticamente abre, no cimo, até ao cerne, em ramos e folhas verdes. Entra o Peregrino, olhando, escutando. Uma ave trila na folhagem.)

O PEREGRINO - Eis o sítio. As paredes da igreja... Os cabeços, os vales... Ao longo deste muro quantas vezes percorri, entre silvados, o caminho da escola... Também à fonte se ia ter por ali. A vida pulsava à luz do sol e da lua... Mas o fogo encheu a distância. Explodiram crateras. Foram chegando os lutos em procissão: praga sobre praga, como as não sabe produzir a natureza... Ah, gente dura e cruel!... Desgraçadores! (Gesto de ameaça; mas logo quebra) Pobre de ti, vagabundo!... Solitário vagabundo!

(O Peregrino senta-se num tronco da árvore. Aproximam-se dois pequenos, que têm vindo a brincar a caminho da escola. Um deles espreita num troço do muro destrocado e acena ao outro; juntam as cabeças. O Peregrino sorri. Então o primeiro deita a língua de fora; o segundo abaixa-se, rápido, e atira uma pedra. E abalam.)

O PEREGRINO - Estarei mudado? (Leva a mão à face) Ou estarão mudadas as crianças?

(Por sobre o muro aparece e desliza o busto de uma rapariga, trajada de preto, cântaro ao ombro.)

A RAPARIGA - (Entoa numa voz triste e alheia) "O amor quem foi que o viu? Quem foi que viu o amor?"

(Súbito a rapariga estremece, deixa de cantar; olha em redor. Encara o peregrino que vai para se mover direito a ela)

A RAPARIGA - (com lassidão) Estrangeiro!